

ENTREVISTA | ENTRETIEN | ENTREVISTA



PRÁTICAS DE LIBERDADE EM MICHEL FOUCAULT: QUESTÕES EM ABERTO

ENTREVISTA COM PHILIPPE CHEVALLIER*

* **Sobre o entrevistado:** Philippe Chevallier é doutor em Filosofia e mestre em Teologia. Desde seus primeiros ensaios, Chevallier se interessou por figuras da história da Filosofia difíceis de classificar. Søren Kierkegaard e Michel Foucault estão entre aquelas que, para este autor, importam justamente por misturar dispositivos originais de escrita ao rigor conceitual. Chevallier integra o quadro de especialistas que trabalham na Biblioteca Nacional da França. Entre suas publicações estão *Michel Foucault et le christianisme* (ENS, 2011) e *Michel Foucault, le pouvoir et la bataille* (PUF, 2014). Sua obra mais recente é o ensaio *La chanson exactement* (PUF, 2017).

Sobre o entrevistador: Pedro de Souza possui doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Entre suas principais pesquisas, destaca-se o estudo, em nível de pós-doutorado, realizado em 2007, na École Normale Supérieure, Lyon, sobre performance vocal nos ditos e escritos de Michel Foucault. Dedicou-se com maior intensidade ao projeto sobre voz e subjetivação na palavra cantada. E-mail: pedesou@gmail.com.

A tradução da entrevista foi realizada por Alessandro Francisco. E-mail: alessandro.fco@terra.com.br.

Pedro de Souza (PS): Inicialmente, gostaríamos de agradecer ao professor Philippe Chevallier (PC) em nome de nossos colegas organizadores do *XI Colóquio Internacional Michel Foucault: Foucault e as práticas da liberdade*¹ por sua gentileza em nos conceder esta entrevista. Tivemos a ideia de consultá-lo, um dos mais jovens e mais brilhantes especialistas no pensamento de Michel Foucault, e de propor esta conversa, inserindo-as no conjunto das intervenções apresentadas nas sessões paralelas, decorridas em setembro de 2018 na *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*, ao longo do *XI Colóquio Internacional Michel Foucault*. As comunicações reunidas aqui refletem devidamente a pertinência da repercussão do pensamento foucaultiano na América do Sul, e as questões que formulamos ressoam como o eco dos debates abertos ao longo de todo o colóquio. Agradeço verdadeiramente por se juntar a nós.

Ao longo do XI Colóquio Internacional Michel Foucault, falou-se muito das práticas governamentais que visam a controlar a vida, em particular no domínio da sexualidade, notadamente a criminalização do aborto e a interdição do tema da educação sexual nos programas do Ensino Médio. Estas questões podem nos remeter à relação entre biopolítica e práticas de liberdade, no pensamento foucaultiano?

PHILIPPE CHEVALLIER (PC): Minha resposta corre o risco de ser generalista demais, pelo que peço desculpas. Forças políticas sobre as quais poderíamos nos apoiar para encontrar liberdade são extremamente movediças, incertas em seus efeitos e mesmo, por vezes, potencialmente perigosas. Elas desafiam, hoje, as oposições tradicionais direita/esquerda, que perderam sua pertinência, ao menos na Europa ocidental.

Darei a vocês dois exemplos: em seu curso de 1979, *Nascimento da biopolítica*², Foucault nota que a governamentalidade liberal tolera um pluralismo sempre maior de comportamentos no interior da sociedade, uma margem para ilegalismos, e se esforça por limitar as ações repressivas dispendiosas demais – o que é seguramente positivo. Mas você percebe, ao mesmo tempo, as consequências desastrosas desta governamentalidade: redução de toda questão social a um cálculo econômico, autorização de medidas de segurança permanentes contra tudo o que não é previsível (terrorismo etc.).

Deve-se, portanto, ser antiliberal? Não me sinto à vontade com esta alternativa: há, neste momento, na França, um pensamento de esquerda que, em nome da luta contra o liberalismo, vai criticar as tentativas de emancipação individual, julgadas egoístas, hedonistas, consumistas etc. Por exemplo, os direitos conferidos aos gays – o casamento, que foi votado, na França, em 2013 – participariam de um liberalismo cultural, cúmplice do liberalismo econômico. Este gênero de proposição é inquietante, para mim, pois decreta que há algo mais fundamental e mais original que a liberdade.

Haveria uma terceira via? Foucault era bastante interessado, nos últimos anos de sua vida, no pensamento liberal de esquerda, o que se chamou, na França, de “segunda esquerda”, próxima do sindicato da CFDT (*Confederação francesa democrática do trabalho*). Esta esquerda foi eclipsada por um socialismo estatal tradicional, aquele de François Mitterrand (que vinha, ademais, da direita conservadora). Estranhamente, a relação de Foucault com este laboratório de pensamento, que foi, na França, a CFDT, nunca foi verdadeiramente trabalhada. Antes mesmo de responder a você diretamente, prefiro manifestar um desejo: abrir este canteiro de reflexão em torno de Foucault e da “segunda esquerda”.

PS: Quais relações podemos estabelecer entre os conceitos de biopolítica e de necropolítica? Isto seria possível?

PC: Penso que você se refere aos trabalhos de Achille Mbembe, que eu conheço, infelizmente, muitíssimo mal. Me parece que é preciso recordar, antes de tudo, que levar à morte é algo que concerne à biopolítica. Quando Foucault insiste sobre a passagem, no século XIX, do “fazer morrer ou deixar viver” do soberano ou do “fazer viver e deixar morrer” do poder moderno, poder-se-ia crer que a biopolítica tem uma conotação inicialmente positiva que seria, principalmente, dirigir rumo à vida como perpetuação,

¹ O evento foi registrado em vídeo e pode ser acessado em sua integralidade pelo site <http://coloquiofoucault.sites.ufsc.br>, no menu *VÍDEOS* – NdT.

² Foucault (2008) –NdT.

crescimento etc. Mas o que define a biopolítica não tem nada de positivo *a priori*. O termo descreve simplesmente a tomada do poder sobre o domínio biológico.

Ora, os exemplos do racismo e dos genocídios coloniais, citados por Foucault, mostram-no devidamente: pode-se também matar por se querer a vida. Tornando-se um objeto político, a “vida” – que é inicialmente um *continuum* – se fragmenta: haverá vidas menos legítimas, vidas menos importantes, vidas mais perigosas etc. Mas – e está aí uma diferença importante, creio, com a necropolítica – vida e morte, vida para alguns, morte para outros permanecem, a cada instante, possibilidades, vetores de ação a serviço de estratégias que podem ser contraditórias, e que demandarão ajustes, modificações, compromissos etc. Eu seria prudente, portanto, no uso do termo necropolítica se se quer dizer por isto que haveria uma única vontade de morte que seria a verdade profunda dos Estados modernos.

Seria honrar demais estes Estados crer na coerência de seus objetivos, esquecendo que são objeto, o próprio brinquedo, dos perpétuos reajustes. É preciso ver nosso presente como um campo de forças aberto, um espaço de dispersão, diria Foucault.

PS: Você pensa ser possível evocar diferentes concepções de homem político em Foucault?

PC: Sim, certamente, tanto quanto existem Foucaults! De fato, toda a dificuldade consiste em reconstituir, sob suas análises históricas, o que seria “a” filosofia de Foucault: algo de positivo que poderia nos tranquilizar. Já é uma velha história e um esforço sem dúvida um pouco vão: hoje, pelo passado, se faz do cuidado de si “a” moral de Foucault, se faz da *parresía* seu ideal para a ação política; amanhã, se nos explicará que Foucault era finalmente cristão ou zen budista etc. Isto nunca funciona, felizmente! Pois mil outras proposições de Foucault e exemplos históricos vêm contradizer estas belas figuras.

Foucault considerava sua pesquisa um exercício de liberdade, não a elaboração de uma filosofia moral, política etc. Ele definia sua própria pesquisa por três pequenas palavras que descreviam, inicialmente, uma atitude: “recusa, curiosidade, inovação”³. Você me dirá que é bastante exíguo e eu estarei de acordo: é exíguo! Mais exíguo que a filosofia de Descartes ou de Habermas. Mas que obra, esta, produzida a partir destas três pequenas palavras!

PS: Há um meio de pensar a subjetividade fora das práticas políticas de identidade?

PC: Me parece que é justamente o que Foucault pesquisa por meio de suas diferentes experimentações: uma relação consigo que tinha sua coerência, sua beleza, mas, ao mesmo tempo, sua plasticidade. Tornar-se um “si mesmo” de que não se possa fazer um retrato definitivo. É exatamente o que atravessa sua entrevista para a publicação mensal homossexual *Gai Pied* – “Da amizade como modo de vida”⁴ –, em 1981, em que desconfia da identidade homossexual.

Duas coisas a este respeito: costuma-se esquecer, mas o texto foi apresentado na revista como “Uma entrevista com um leitor quinquagenário”, e não é senão no seu finalzinho que se descobria, por um breve “Obrigado, Michel Foucault”, a identidade do quinquagenário. Jogo, aqui, do semianonimato.

Além disso, a entrevista era ilustrada por um quadro em acrílica, de David Hockney, *George Lawson and Wayne Sleep*⁵: retrato de um casal de homens num cômodo com um piano (um dançarino e seu amante, na realidade). Ora, trata-se de um retrato... inacabado. Hockney jamais alcançou o resultado esperado! Bela metáfora do conteúdo da entrevista, simultaneamente porque a

³ Foucault (2013).

⁴ Foucault (2001) – NdT.

⁵ O quadro compõe o acervo do museu britânico *Tate Modern*, em Londres –NdT.

natureza da relação entre George Lawson e Wayne Sleep não é dita nem exposta, e porque o retrato é, finalmente, aquele do impossível.

Agora, quanto à afirmação da identidade, se ela pode ser uma armadilha... Ela é também, sem dúvida, um momento necessário e indispensável das lutas pela emancipação. Eu li a este respeito – mas não verifiquei a informação – que Foucault havia participado da *Gay pride* de Toronto em 1982: a prudência teórica não impede o militância.



Imagem: David Hockney, *George Lawson and Wayne Sleep*

PS: Na América Latina, há um movimento político do pensamento, que chamamos decolonialista, que rejeita o pensamento de Michel Foucault como ferramenta para abordar a articulação entre as experiências de dominação vividas pelos negros, pelas mulheres e pelos indígenas e para abordar a produção de saber considerada como um pensamento feminista. Você está de acordo com isto?

PC: Antes de responder a fundo, creio ser preciso desconfiar das etiquetas: *Decolonialist studies*, *Gender studies*, *LGBT studies*, *Postmodern studies*. Etiquetar é classificar, isolar, simplificar. Foucault o sabia bem, ele que havia sofrido tanto com a etiqueta “estruturalista”.

Uma vez posto isto, reconheço justamente que há um campo de pensamentos que parece, hoje, entrar em conflito com as análises foucaultianas e que trata do passado e do presente colonial. Estas correntes de pensamento começam com dificuldade – há uma dezena de anos – a ser traduzidas e difundidas na França, e eu temo não as conhecer suficientemente bem para falar sobre elas. Mas pressinto os problemas teóricos que são suscitados: a posição de Foucault seria “eurocêntrica”, “ocidental”, até mesmo “masculina” e “branca”; ele não estaria em posição de falar sobre realidades de dominação que teria ou minimizado ou desconhecido.

Pois bem, sem dúvida isto é, em parte, verdade, mas eu gostaria de dizer três coisas. A primeira coisa é que Foucault seria justamente o último a pretender falar como intelectual universal – uma figura que sempre criticou vigorosamente. A segunda coisa é que Foucault evita misturar teoria e prática: a ação política se faz num campo de forças reais que a análise teórica não pode jamais pretender controlar, nem mesmo integrar verdadeiramente, ainda que ela própria estivesse situada. Portanto, você percebe:

prudência de Foucault, que aceita por princípio que seu discurso – aquele dos cursos, aquele dos livros – permaneça “contíguo” à ação por realizar, ao lado dos imperativos políticos. Enfim, terceira coisa, rejeitar Foucault talvez seja rejeitar o que nos incomoda no seu pensamento: sua radicalidade crítica que não deixa ninguém indemne, qualquer que seja sua perspectiva ideológica, suas origens, seu sexo, sua sexualidade etc.

Creio que encontramos, em Foucault, atenções, pontos de vigilância que podem nos ser úteis, hoje, e podem nos proteger de reconstruir enunciados meta-históricos globais, de essencializar diferenças, de imobilizar relações de dominação etc., todas as coisas que o pensamento foucaultiano pode utilmente interrogar.

PS: Mesmo com a abordagem não doutrinal com a qual Foucault estudou o cristianismo e suas técnicas de subjetivação, constatamos, no Brasil, uma resistência em não considerar o cristianismo, num determinado ponto de vista, culpado, notadamente no que se refere a todas as espécies de repressão sexual. A publicação do quarto volume da *História da sexualidade* pode quebrar um pouco esta resistência?

PC: Se se coloca no nível da história do pensamento, Foucault insiste no fato de que o cristianismo não foi mais rigoroso que a Antiguidade greco-romana, em particular com relação às práticas sexuais. A diferença não se situa, segundo ele, na lista das interdições sexuais – que permaneceu a mesma globalmente –, mas do lado da experiência de si e de seu corpo, muito diferente de uma Antiguidade à outra.

Não somente o cristianismo não foi mais intolerante, mas muitos trabalhos históricos insistem, ao contrário, em espaços de grande tolerância, ao menos até o início do segundo milênio. Penso, evidentemente, nos trabalhos de John Boswell, Professor em Yale, que conhecia bem Foucault – este contribuiu a traduzi-lo na França –, seja sobre a tolerância vis-à-vis à homossexualidade até o século XII (*Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality*)⁶, seja sobre as uniões entre pessoas do mesmo sexo no império bizantino (*The Marriage of Likeness: Same-Sex Unions in Pre-Modern Europe*)⁷.

De fato, Foucault era muito mais preocupado com os dispositivos de saber e de poder que produziram a subjetividade moderna, que não é um simples prolongamento da subjetividade cristã, mesmo se ela retoma certas técnicas. Foucault insiste, ao contrário, na ruptura, por volta dos séculos XVIII-XIX, entre o si mesmo cristão e o si mesmo moderno.

Agora, na realidade, é evidente que a Igreja católica contribuiu para reforçar, a partir do século XIX, o conjunto dos poderes e dos saberes que contribuíram com formas variadas de repressão sexual e constantemente se apoiou nelas. Exemplo disto é a boa recepção feita, muito cedo, pela Igreja católica da medicina higienista e, sobretudo, da psicanálise que ela instrumentalizou muito rapidamente com fins moralizadores.

Existe, em francês, um belo estudo de Agnès Desmazières sobre o assunto (*L'inconscient au paradis : Comment les catholiques ont reçu la psychanalyse*)⁸. Foucault não fala nisto, pois se interessa, a princípio, pelas rupturas. Ora, a Igreja católica, a partir das Luzes, não é mais força de ruptura na história da subjetividade. Ela se adaptou, enfim, muito perfeitamente ao sujeito moderno, abandonando o tipo de experiência de si que ela própria havia moldado entre os séculos II e XVI.

Além disso, eis o que torna a leitura d'*As confissões da carne* fascinante: a descoberta de uma experiência de si que nos é doravante completamente estrangeira. Aposta-se que um cristão, em 2019, não se reconhecerá absolutamente nas reflexões dos séculos III ou

⁶ Boswell (1980) – NdT.

⁷ Boswell (1994) – NdT.

⁸ Desmazières (2011) – NdT.

IV, em particular aquelas sobre a virgindade como experiência positiva de si e de seu corpo, não imposta absolutamente de fora, codificada, moralizante etc.

Esta inventividade e esta positividade da experiência cristã na Antiguidade tardia poderiam acentuar a consciência tranquila de que você fala: no fundo, com exceção do desvario da Igreja que acabo de mencionar, a partir do século XIX, o cristianismo seria magnífico! Talvez. Mas há um ponto, entretanto, que deve nos tornar vigilantes, mesmo se Foucault se revela espantosamente benevolente, ao menos comedido, nuançado vis-à-vis à nossa herança cristã: é a aparição, muito cedo, na história cristã, do tema da obediência absoluta ao outro. Foucault nota sua importância cardinal para o modo cristão de governo, desde sua análise do pastorado, em 1978. Com o cristianismo, esta obediência se torna uma relação de dependência integral que tem sua razão de ser em si mesma e não nos bens que permitiria alcançar.

Pode-se dizer que está aí uma perversão potencial da relação tradicional do mestre com o discípulo e, certamente, uma das causas das violências de que a Igreja se tornou culpada: a valorização de uma obediência que não tem outra justificação senão ela própria.

PS: Você publicou um livro intitulado *La chanson exactement : l'art difficile de Claude François*, lançado pela PUF em 2017. Neste belo e apaixonante trabalho de pesquisa, inédito no domínio da música popular, você nos faz saber – cito um trecho de sua fala na *France musique*⁹ – que “a concentração de talentos que tornou possível a variedade francesa dos anos 1960-1970 é um dos segredos mais bem guardados da música do último século” No âmbito do *XI Colóquio Internacional Michel Foucault*, Alfredo Veiga Netto, Alessandro Francisco e eu realizamos uma mesa redonda sobre o discurso e a linguagem na arte da música. De onde parte minha questão: arqueologia da música, do clássico ao popular, é possível?

PC: Eu estou bastante emocionado com esta questão, pois este livro foi importante para mim e suscitou mais reações que meus trabalhos de história da filosofia! Gostaria de responder de duas maneiras.

Antes de tudo, admiro as pesquisas sobre a música de Alessandro Francisco e as suas. Elas me interessam enormemente, mas me parece que elas buscam, inicialmente – por meio desta noção arqueologia –, estabelecer rupturas históricas no discurso musical, lá onde eu busco, de início, a constância de uma atitude independentemente da estrutura melódica.

A busca daquilo que chamei “forma média” – como ponto de equilíbrio entre um esforço ilimitado e uma forma musical limitada (a canção popular) – me parece atravessar os séculos e tem algo a ver com a noção de artesão, a qual não era, no princípio, distinta daquela de artista. Neste sentido, meu livro não é uma arqueologia.

Entretanto, eu estive bastante interessado pelo que Foucault afirma sobre a literatura popular (em seu artigo *Eugène Sue que amo*, 1978)¹⁰ e sobre a música rock (em seu diálogo com Pierre Boulez, *A música contemporânea e o público*, 1983)¹¹, que me guiaram verdadeiramente em minha reflexão.

Apreendi, além disso, que Foucault, mesmo se falava de música erudita – havia sido um íntimo de Jean Barraqué –, era também fã do cantor popular Julien Clerc. Isto me confortou na ideia de que os intelectuais não falam jamais daquilo que amam

⁹ A entrevista citada, realizada ao vivo durante o *Salão do Livro de Paris* em 2018, está disponível no link: <https://www.francemusique.fr/emissions/etonnez-moi-benoit/france-musique-en-direct-et-en-public-du-salon-du-livre-paris-2018-avec-marie-modiano-philippe-chevallier-jp-gueno-59236>. Uma entrevista mais completa sobre o tema pode ser acessada no site de *France Inter*: <https://www.franceinter.fr/emissions/la-marche-de-l-histoire/la-marche-de-l-histoire-16-aout-2017> – NdT.

¹⁰ Foucault (2001) – NdT.

¹¹ Foucault (2001) – NdT.

verdadeiramente! Sempre esta questão de legitimidade ... Idem em literatura: Foucault nos fala do *Nouveau Roman*¹², da vanguarda literária, mas ele preferia ler *As memórias de além-túmulo*¹³ e Thomas Mann!

PS: Como podemos lutar por uma vida não fascista, hoje, sem risco de cair no anacronismo, se consideramos a manifestação de Michel Foucault no prefácio d'*O antiédipo*¹⁴? Faça referência à historicidade com que Foucault aborda o tema do fascismo naquele momento.

PC: Novamente, questão bastante difícil e à qual não se pode responder senão titubeando. Poder-se-ia lutar contra o fascismo com argumentos teóricos, e estou convencido de que a pesquisa mais erudita tem um papel importante a desempenhar. Escolher trabalhar sobre a história do Antigo Testamento na *Universidade de Iena* entre 1934 e 1945, como o fez Gerhard von Rad, no contexto do antissemitismo, era um ato político forte, um ato corajoso e útil para a luta.

Mas há um pequeno fato histórico que me intriga e que Foucault sublinha: os poucos laços, finalmente, entre a filosofia de um filósofo e sua atitude política concreta. Pode-se ter sido um especialista na moral kantiana, um adepto dos valores do estoicismo etc., e ter sido defensor exemplar do nazismo. É embaraçoso, mas é assim. As ideias não são suficientes para combater o fascismo e não é suficiente ser um pensador de esquerda e publicar livros “de esquerda” para fazer uma barragem ao fascismo.

Neste momento, eu leio a tradução em francês da biografia do grande historiador Ernst Kantorowicz, escrita por Robert E. Lerner (*Ernst Kantorowicz: uma vida*¹⁵). Conservador na alma, Kantorowicz exaltou, de início, a Alemanha eterna, antes que o nazismo o fizesse mudar de ideia e de ele fugir para os EUA. Em seguida, sua atitude foi remarcável. Quando a *Universidade de Berkeley* lhe solicitou prestar juramento para atestar que não era comunista – e comunista ele certamente não o era –, Kantorowicz recusou e apelou à “dignidade” do professor, apelou a seu próprio “ser” de acadêmico. Este evento e as palavras de Kantorowicz me fazem recordar da constante insistência de Foucault no *êthos*, na atitude ética, sublinhando que ela podia ser independente das ideias que temos na cabeça.

Creio que a oposição ao fascismo é, de início, um caso de *êthos*, de ser. Isto não quer dizer que as demonstrações teóricas não têm um papel a desempenhar, mas que, sem uma forma de coragem, uma demonstração de ser, elas não têm efeito algum. Talvez porque o fascismo põe em perigo a própria integridade de nossas existências: são nossas existências que respondem a isto do melhor modo.

REFERÊNCIAS

BOSWELL, J. *Christianity, social tolerance, and Homosexuality: Gay People in Western Europe from the beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*. Chicago : University Of Chicago Press, 1980.

BOSWELL, J. *The marriage of likeness: same-sex unions in Pre-Modern Europe : same-sex Unions in Pre-Modern Europe*. Oxford and New York: Villard Books, 1994.

¹² Apesar da dificuldade em determinar o início e o fim deste movimento literário, é possível situá-lo aproximadamente entre 1940 e a metade dos anos 1970. A invenção da designação *Nouveau Roman* é atribuída a Bernard Dort e por vezes, a Émile Henriot, usada com sentido negativo. Ela foi utilizada pela crítica para se referir a um grupo de escritores reunidos em torno das *Éditions de Minuit*, editora dirigida por Jérôme Lindon de 1948 até sua morte, em 2001. Alguns dos nomes associados a esta designação são Michel Butor, Samuel Beckett, Alain Robbe-Grillet e Claude Simon, dois deles – Beckewtt e Simon – agraciados com o prêmio Nobel de literatura – NdT.

¹³ As *Memoires d'outre-tombe* consistem numa coleção de doze volumes redigidos por François-René de Chateaubriandp (1768-1848) – escritor e político francês – entre 1809 e 1841, publicados entre 1849 e 1850. Ver edição que acaba de ser publicada : CHATEAUBRIAND, F.-R. *Mémoires d'Outre-tombe*. Édition complète. [S. l.]: Imbroglia, 2019. (NdT).

¹⁴ Deleuze e Guattari (1972) – NdT.

¹⁵ Lerner (2017) – NdT.

- CHATEAUBRIAND, F.-R. *Mémoires d'Outre-tombe*. Édition complète. [S. l.]: Imbroglia, 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *L'anti-OEdipe: Capitalisme et schizophrénie*. Paris: Les éditions de Minuit, 1972.
- DESMAZIERES, A. *L'inconscient au paradis: Comment les catholiques ont reçu la psychanalyse*. Paris : Payot 2011.
- FOUCAULT, M. De l'amitié comme mode de vie. In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001. p. 982-986.
- FOUCAULT, M. Eugène Sue que j'aime. In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001. p. 500-502.
- FOUCAULT, M. Michel Foucault/Pierre Boulez. La musique contemporaine et le publique. In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001, p. 1307-1314.
- FOUCAULT, M. *Naissance de la biopolitique*, Paris: EHESS: Gallimard: Seuil, 2004. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. *L'origine de l'herméneutique de soi, Conférences prononcées à Dartmouth College*. Edição estabelecida por Henri-Paul Fruchaud et Daniele Lorenzini, Paris: Vrin, 2013. p. 144.
- LERNER, R. E. *Ernst Kantorowicz: A Life*. Princeton: Princeton University Press, 2017.



Recebido em 12/05/2019. Aceito em 12/02/2019.